

A CASA QUEBRADA: MEMÓRIAS, DESASTRES E PERMANÊNCIAS

THE BROKEN HOUSE: MEMORIES, DISASTERS AND PERMANENCIES

João Victor Elias¹
UDESC
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

Este artigo analisa obras de quatro artistas contemporâneos brasileiros que abordam a imagem da casa em estado de ruína, abandono ou colapso. A pesquisa investiga as produções de João Victor Elias, Ivan Schulze, Alan Fontes e Yuri Firmeza, com base em autores como Maurice Blanchot e Martin Heidegger. A metodologia consiste em análise visual e conceitual das obras, observando como cada artista mobiliza a imagem da casa de maneira singular. As representações variam entre memórias de infância, críticas aos apagamentos pelos processos de urbanização e reflexões sobre o desastre como perda de fixação e estabilidade. Conclui-se que a casa em ruína opera como estrutura simbólica que tensiona experiências íntimas e processos de violência histórica e social.

Palavras-Chave: Casa. Ruína. Desastre. Arte contemporânea. Arte brasileira.

ABSTRACT

This article analyzes the work of four contemporary Brazilian artists who explore the image of the house in states of ruin, abandonment, or collapse. The research investigates the productions of João Victor Elias, Ivan Schulze, Alan Fontes, and Yuri Firmeza, drawing on authors such as Maurice Blanchot and Martin Heidegger. The methodology consists of a visual and conceptual analysis of the artworks, observing how each artist mobilizes the image of the house in a unique way. The representations range from childhood memories to critiques of erasures caused by urbanization processes, as well as reflections on disaster as the loss of fixity and stability. It concludes that the ruined house functions as a symbolic structure that reveals tensions between intimate experiences and processes of historical and social violence.

KEYWORDS: House; Ruin; Disaster; Contemporary art; Brazilian art.



Introdução

O desastre arruína tudo, deixando tudo intacto.

— Maurice Blanchot

Esta investigação é um recorte de minha dissertação de mestrado, João Victor Elias, sob orientação de Marta Lúcia Pereira Martins, realizada no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, ainda em andamento no momento da escrita desta publicação. O artigo apresenta parte do primeiro capítulo da dissertação que investiga produções contemporâneas de artistas brasileiros que utilizam em suas obras a imagem da casa, temas relacionados ao habitat, ao lar e aos diferentes discursos que deles emergem.

Observou-se nesse contexto um conjunto de artistas cujas obras apresentam a imagem de casas em ruínas, fragmentadas ou partes de casas como temas recorrentes em suas produções. Os artistas João Victor Elias, Ivan Schulze, Alan Fontes e Yuri Firmeza, expõem a casa, frequentemente associada à segurança, privacidade e familiaridade, de forma inversa a esses significados, reformulando o conceito do que pode ser uma casa. Ao subverter ideias romantizadas da casa, esses artistas fazem emergir questões sobre identidade, memória e instabilidade em meio às paredes quebradas de suas obras.

Desse modo, em diálogo com o periódico *Extremos* (ANPAP, 2025), este artigo busca compreender como a imagem da casa pode convocar significados singulares e em sintonia com o periódico *Extremos* que diz respeito às emergências ambientais e sociais no Brasil contemporâneo. A casa, aqui, funciona como uma metáfora possível para refletir sobre um país e um lugar onde a segurança e a estabilidade é deslocada, evidenciando o seu sentido inverso: um cenário hostil, marcado por violência e negligência.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Nesse sentido, a epígrafe de Blanchot nos ajuda a compreender como o desastre se faz presente na poética das obras aqui analisadas, evidenciando os vestígios de um processo de transformação do qual nenhuma vida escapa, mas pode ser reapropriado e recontado justamente por permanecer.

A casa soterrada

Como artista, eu procurava – e ainda procuro – entender por que em minhas fotografias e pinturas a imagem da casa persiste em voltar. Por que sua presença é tão convocada? Por que a sua ideia, ao mesmo tempo, me parece algo tão confuso? Uma gravidade que captura os meus olhos. Não só meus olhos. Quero me aproximar até estar habituado a esse lugar. Decorar o caminho do corredor da porta do quarto até a cozinha, tomar café da manhã na varanda. Quero habitá-la até chegar o momento de precisar me mudar, e perceber nessa mudança tudo o que tenho,² tudo o que restou para carregar à nova casa. Começar o processo mais uma vez, tornar conhecido o desconhecido, sem ao mesmo tempo, nunca sair completamente da casa anterior.

Encontrei em minhas histórias diversas memórias com a casa para entender esse fascínio. Não é difícil esse exercício, de certo modo fui percebendo nessa investigação que todas as histórias começam ou terminam na casa. Mas tinha uma entre as tantas, que me fez suspeitar dessa aproximação. Era uma história que havia guardado, como alguém guarda no fundo de uma gaveta um objeto secreto. Sabia de sua influência na minha vida, ao mesmo tempo queria esquecê-la. Essa história revelava um passado mal resolvido, era a história do desabamento de um morro e uma casa soterrada.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Minha casa foi uma entre as tantas atingidas pelo deslizamento de terras encharcadas por causa das intensas chuvas em novembro de 2008 na região sul do Brasil, mais especificamente no vale do itajaí, em Blumenau. Nesse período, foi necessário improvisar abrigos em outras casas durante alguns meses, que pareceram anos para uma criança de 12 anos, até conseguirmos tirar toda a lama. Consigo lembrar de 7 casas que passei nesse período, ao mesmo tempo, a sensação de “estar em casa” passava muito longe da realidade daquela situação. Por fim, voltamos para nossa casa, mas a casa já não era a mesma, assim como nós, integrantes da família, não éramos mais os mesmos. As paredes, agora tem marcas de onde quebraram e precisaram ser reerguidas. A escada de caracol por onde eu adorava subir do lado ao contrário e deixava minha mãe brava porque achava que ia cair, foi substituída por uma nova mais segura, com menos graça. Mais barata também, reerguer uma casa custa tão caro quanto construir uma. Em mim, e sei que nos meus pais e em minha irmã também, persiste a sensação de que a casa não nos protege mais, a ansiedade a cada chuva que se estende por dias e o medo de ser soterrado junto a casa, o medo de não ter pra onde voltar, se conseguirmos escapar. Essa realidade permanece.

Foi na busca de entender minhas obras que resgatei essa história e passei a produzir obras pra reelaborar as memórias desse período que até então estavam guardadas. Na exposição coletiva *Estereoscópios*, realizada em maio de 2025 no Museu da Escola Catarinense, em Florianópolis, expus três obras intituladas *Inscrições ruidosas I, II e III* que fazem parte dessa investigação. A obra *Inscrições ruidosas I* (Imagem 1 e 2), é uma instalação que faz alusão às ruínas que a memória da casa inscreveu no meu corpo. Tirei moldes das minhas duas pernas, criei uma estrutura com vergalhões de ferro para fundamentar o interior do molde. Construí, com a ajuda do meu pai, a mesma estrutura para erguer colunas de alvenaria, e com os ferros já dentro, preenchi o molde com concreto. Deixei os ferros saindo como se as pernas tivessem sido quebradas, tentando reproduzir as texturas e as imagens da minha casa quebrada na época da catástrofe.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap* FURG Rio Grande/RS



Imagem 1. Detalhes da obra *Inscrições ruidosas I*, 2025. Instalação em concreto e ferro, 88 cm X 25 cm. Obra e registro fotográfico: João Victor Elias.





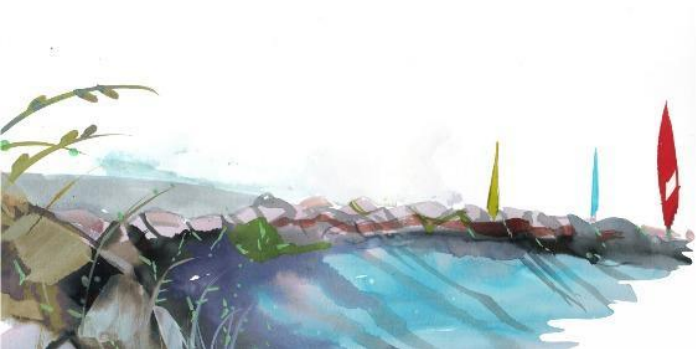
extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Imagem 2. Detalhes da obra *Inscrições ruidosas I*, 2025. Instalação em concreto e ferro, 88 cm X 25 cm. Obra e registro fotográfico: João Victor Elias.

Já as obras *Inscrições ruidosas II* e *III* são duas pinturas, que também remetem a esse período. Mas apresentarei somente a obra de numeração *III* (Imagem 3), já que esta possui um recorte mais significativo para esse artigo. Nessa pintura são retratadas duas cadeiras, uma de costas para a outra, e um tecido sobre elas formando a imagem de uma cabana, como aquelas que fazemos na infância para brincar. Construimos desde pequenos esses lares improvisados, casas temporárias para que nelas brinquemos de habitantes, seja de qual universo for inventado. Pensar na cabana improvisada e temporária que construimos na infância foi pensar em símbolos possíveis para falar desse período em que não tínhamos mais casa e passamos a nos abrigar em casas de vizinhos e familiares que abriram as portas para nos receber. Era preciso fazer casa em outros lugares, improvisar espaços temporários para morar e no outro dia fazer a mesma coisa em outro endereço.

A ideia da cabana pintada nesta obra, apesar de parecer romântica para esse período que vivemos minha família e eu, pouco tinha de lúdico e divertido. Era apenas a realidade que tínhamos. Lembro-me de querer sair das casas, a sensação de sentir que éramos um fardo na vida das pessoas que abriam suas portas por alguns dias. Alguns familiares nos abrigaram com carinho e amor, outros, se aproveitaram da situação para fazer minha mãe, meu pai e até minha irmã e eu de empregados domésticos em troca de estadia. No fim, não tínhamos muitas escolhas.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

Lembro de minha mãe lamentando ao ver que até a casa de brinquedo que tínhamos no jardim havia sido destruída pela lama, lá onde passávamos parte de infância imaginando outras vidas. *Se pelo menos essa não tivesse sido destruída*, ela falava, *poderíamos dormir ali*. Mesmo que mal deveria caber um colchão de casal no chão, mas aquela pequena casa de madeira foi destruída sem nunca poder ser casa para além das que inventávamos em brincadeiras de infância, que começava a desbotar ali.



Imagem 3. Inscrições ruidosas III, 2025. Pintura acrílica sobre tecido de algodão cru, 65 cm X 55 cm. Obra e registro fotográfico: João Victor Elias.



A casa e o direito de existir

Em uma produção fotográfica organizada no livro *Habitat* (2022) do fotógrafo Ivan Schulze de Blumenau, em parceria com a arte educadora e artista visual Ana Paula Marcelino, somos convidados a refletir sobre a casa pela perspectiva daqueles que não possuem oficialmente uma casa. As fotografias acompanham uma realidade negligenciada, de sujeitos “que decidiram habitar casarões históricos de Blumenau e as relações que perpassam, desde o motivo de suas entradas nestes espaços, até a saída, ou resistência em ficar”³ (Imagem 4 e 5). Mesmo que esses moradores não conseguirem ser proprietários de uma casa, encontram nesses casarões abandonados possibilidades de abrigo e morada, como ultima instância, fugindo da realidade das ruas.

Logo no começo do livro, somos apresentados a relação íntima do autor com a temática e a motivação na realização das fotografias para o livro:

Eu tinha 13 anos, meus pais foram despejados três vezes, e tivemos que morar, por fim, em uma escola. As crianças não me viam como outra criança e sim como um desabrigado, era nítido no olhar e comportamento a rejeição, e se não fosse essa escola, teríamos que habitar uma outra estrutura qualquer. Por isso me vejo em casa uma dessas imagens. (Schulze, 2022, p. 6).



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 4. Habitat, 2022. Fotografia analógica, 9,36 cm X 14 cm. Obra: Ivan Schulze.

No livro, os autores exploram a ideia do habitar não apenas como uma experiência existencial ou simbólica, mas como um direito fundamental que, na prática, é acessado apenas por alguns. Essa desigualdade é explícita quando percebemos que o direito à moradia está historicamente reservado a uma parcela da população, enquanto outras, frequentemente marginalizadas, são privadas do acesso a moradia. São justamente essas pessoas, que constroem as riquezas, a infraestrutura, os produtos e serviços que raramente usufruem daquilo que constroem. O direito ao habitar, nesse sentido, torna-se um reflexo das estruturas de exclusão e exploração: constrói-se para o outro, mas não para si.

Os autores recorrem ao filósofo Heidegger, no texto *Construir, Habitar, Pensar* (1954), elucidando que “muito se constrói no mundo, mas nem toda construção é para um habitat, apesar que, toda construção pode vir a ser uma morada”⁴. Como Schulze que



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

morou em uma escola, podemos entender que nem toda morada leva como imagem, uma casa. Nas imagens de Schulze, os entrevistados moram numa casa, ainda que antes de se instalarem alí elas estavam abandonadas.



Imagem 5. Habitat, 2022. Fotografia analógica, 10,32 cm X 6,94 cm. Obra: Ivan Schulze.

Mas para os autores, ressoando as palavras de Heidegger, a crise de habitação não está relacionada com a falta de habitação para todos, “a crise propriamente dita do habitar consiste que os mortais precisam sempre de novo buscar a essência do habitar, consiste em que os mortais precisam primeiro aprender a habitar”⁵. Esse modo de habitar aqui evidenciado, é um reencontro com os valores que nos tornam humanos. Valores como o do criar, do cultivo, da proteção, não só de si, mas dos seres que fazem parte de seu entorno. Desse modo, os autores se posicionam: “precisamos ser advogados de defesa da existência do outro, lutar contra o desprezo e a ignorância, que para alguns é o caminho mais fácil, do que aceitar que fazemos



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

parte do mesmo mundo”⁶. Assim, as fotografias de Ivan Schulze revelam sua potência ao dar protagonismo a essas famílias e suas histórias, inseridas em espaços frequentemente esquecidos, nos aproximando de vidas abandonadas pelas estruturas de poder.

Casas destruídas

Nascido na cidade de Ponte Nova, em 1980, o pintor mineiro Alan Fontes realiza a série “Desconstruções” iniciada em 2013, a partir de uma extensa pesquisa fotográfica, recolhendo de jornais, revistas e da internet, imagens para realizar obras em que aparecem o conceito de casa como ruína, fragmentos de memórias, restos que sobrevivem ao desastre (Figura 6, 7). Como observa Alexandre Rodrigo da Costa⁷, a temática da casa está presente em várias pinturas e instalações de Fontes como: “A casa, 2005-2007, Bar da Ana, 2006, A casa dos espelhos, 2006, Kitnet, 2010, Casa Kubitschek, 2014, e em Sobre Incertas Casas, 2015”⁸, porém, esse tema aparece sempre de forma oposta aos sentidos Bachelardianos, ou seja, oposto aquela ideia de casa como abrigo, proteção ou como “um corpo de imagem que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade.”⁹ Em “Desconstruções”, veremos da casa as suas entranhas.



Imagem 6. Desconstruções nº 10, 2014. Óleo e encáustica fria s-tela, 56 cm X 88 cm. Obra: Alan Fontes.



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

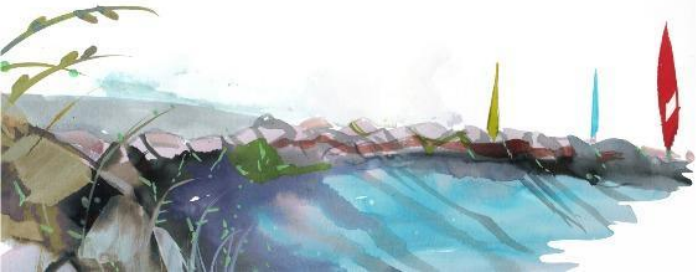
A pesquisa de suas casas em “Desconstruções”, não se preocupa na abordagem arquitetônica, mesmo Fontes entendendo que a arquitetura estará presente quando se trata de uma casa, segundo o artista nos informa em seu portfólio.¹⁰ Fontes está preocupado em retratar a casa numa perspectiva afetiva, na qual a compreende como um receptáculo de memórias, assim como o corpo.



Imagem 7. Desconstruções nº 6, 2014. Óleo e encáustica fria s-tela, 150 cm X 170 cm. Obra: Alan Fontes.

O filósofo e crítico literário francês Maurice Blanchot (1907-2003), realizou um ensaio sobre o desastre no livro *A Escrita do Desastre*, publicado em 1980. Blanchot lida com o desastre por uma perspectiva em que ele é sempre um evento iminente, sem acontecer de fato. Alexandre Rodrigo da Costa, percebe nas casas de Alan Fontes, uma relação com Blanchot, já que nessas, não encontramos mais os sentidos de um espaço que consiga criar as noções de fixação e permanência dos seus possíveis habitantes. Alexandre cita Maurice Blanchot:

Quando o desastre chega, ele não chega. O desastre é sua própria iminência, mas desde que o futuro, tal como nós o concebemos na ordem do tempo vivido, pertence ao desastre, o desastre sempre o



extremos

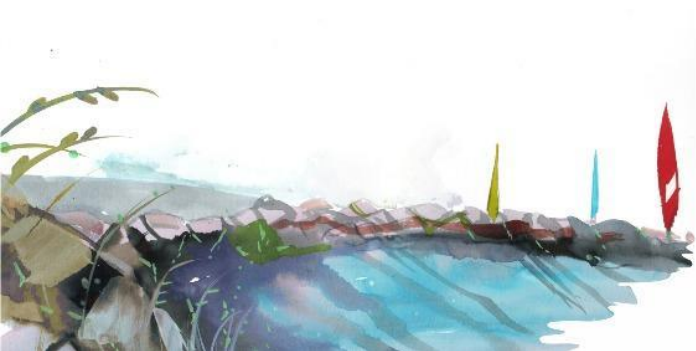
34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

tem subtraído ou o dissuadido, não há futuro para o desastre, como não há tempo ou espaço para sua realização. (Costa, 2015, p.144).

Desse modo, as próprias noções de interno e externo, assim como as de presente, passado e futuro são confundidas nas casas destruídas de Alan Fontes, já que as histórias dessas casas são apagadas e deixadas somente os vestígios de uma casa degradada. A palavra desastre, diz sobre algo que está fora dos “astros”, fora dos eixos, subvertendo o que seria uma “ordem natural” das coisas. Que aponta um perigo iminente, pairando sobre um cenário sem uma perspectiva de previsibilidade. Em sua análise das *Desconstruções* de Alan Fontes, o autor nos ajuda a entender que “o tempo desfigura a memória, ao permitir que o desastre disperse, desmorone não só a casa, mas aquilo que se guarda nela.”¹¹ Deixando de testemunha, apenas as paredes quebradas, tetos partidos e labirintos que confundem a noção do que uma vez foi aquele espaço.

As casas em ruínas

Seguindo a imagem de casas destruídas, outro artista brasileiro que iremos observar se utilizando frequentemente desse tema é Yuri Firmeza. Desde 2005 a temática de abrigos, lares quebrados é presente em suas obras que vão da fotografia à performance e instalação. Em sua série *Ruína*, de 2014 (Imagens 8, 9 e 10) o artista comenta que “as ruínas são elementos, ou mais que elementos, são problema conceitual chave dessa pesquisa”¹². Apesar dessa série ser composta por mais trabalhos, o artista escolhe apenas três deles para expor na mostra *Casa Carioca*, que aconteceu no Museu de Arte do Rio em 2020. Essas três obras são maquetes arquitetônicas, que comumente vemos em estantes de imobiliárias, porém reinventadas nas obras de Firmeza, construídas já em estado de ruína. Possuindo uma arquitetura moderna, essas maquetes de edifícios em estado de ruína estampadas com a cor inteiramente branca, são construídas com a ajuda do arquiteto Artur Vasconcelos Cordeiro e com a parceria de uma empresa que fabrica maquetes arquitetônicas para o mercado imobiliário.



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS



Imagem 8. Ruin #1, 2014. Madeira e acrílico, 30 cm X 120 X 75 cm. Obra: Yuri Firmeza.

As maquetes selecionadas para a exposição no Museu de Arte do Rio, fazem parte da exposição *Projeto Ruínas*, apresentada na 31ª Bienal de São Paulo: Como falar de coisas que não existem. Essas obras visavam discutir um paradoxo que existe na história da cidade de Alcântara, no Nordeste do Brasil em que o ancestral e a tecnologia convivem de forma curiosa.

A cidade de Alcântara, no Maranhão, viveu um episódio de intensa construção de mansões luxuosas por causa de uma rivalidade entre aristocratas que pretendiam impressionar Dom Pedro II, que no século XVII, anunciou que visitaria a cidade. Todavia, essa visita nunca aconteceu, fazendo com que as construções erguidas para a ocasião se transformassem em ruínas com o tempo e com questões econômicas que abateram a cidade. Assim, Alcântara possui uma das mais recentes ruínas que é ainda habitada por moradores que vendem doces caseiros aos turistas. Paralelamente à existência das ruínas que fazem parte do cenário de Alcântara, a cidade também abriga o Centro de Lançamento de Alcântara, uma base de foguetes. De forma irônica, a cidade combina um passado em ruínas com aspirações



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

tecnológicas futuristas. Desse modo, o *Projeto Ruínas* de Yuri Firmeza explora essa justaposição entre um passado e tradições misturada ao presente à modernidade.¹³



Imagem 9. Ruin #2, 2014. Madeira e acrílico, 70 cm X 64 X 66 cm. Obra: Yuri Firmeza.

Todavia, se observarmos as maquetes de Yuri, a arquitetura presente não remete àquelas pelas quais são inspiradas suas histórias. Enquanto as ruínas de Alcântara possuem uma arquitetura colonial com casas de pedra e igrejas, a maquetes representam arquitetura de prédios e edifícios modernos. Aqui, a lógica é invertida, e Yuri parece sugerir um diálogo entre passado e presente, no qual as ruínas coloniais evocam memórias de um tempo que se perdeu, enquanto os edifícios modernos apontam para a efemeridade e fragilidade do que consideramos contemporâneo. Podemos ler nessa inversão, o ciclo de construção e decadência, indicando que a solidez das edificações modernas está sujeita ao mesmo destino das estruturas históricas que hoje observamos como vestígios de um passado que acreditava ser o ápice da modernidade e tecnologia. Ao mesmo tempo, essa escolha estética pode ser vista como uma metáfora para a relação conflituosa entre o legado histórico e a urbanização atual, onde a gentrificação apaga qualquer memória do passado para dar



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

lugar às novas ideias utópicas de habitação, criando indagações sobre os futuros possíveis que descartam sua própria história.

Suas maquetes de edifícios atuais em ruínas, ao contrastarem com as origens coloniais de suas inspirações, ampliam as possibilidades interpretativas, permitindo que se enxergue tanto a continuidade quanto as rupturas entre o passado e o presente. A lógica invertida se torna, então, uma estratégia que busca reconsiderar a noção de progresso e o que deixaremos de ruínas para as próximas gerações.



Imagem 10. Ruin #3, 2014. Madeira e acrílico, 32 cm X 66 X 50 cm. Obra: Yuri Firmeza.

Considerações finais

A casa tem se tornado uma imagem recorrente na arte contemporânea, intensificada especialmente após o período da pandemia de COVID-19, quando a experiência do confinamento trouxe novas camadas de significado a esse espaço cotidiano. Mas isso se deve, também, ao modo como a contemporaneidade voltou seu olhar para si mesma, suas histórias, suas batalhas e demandas. Ao nos debruçarmos sobre a intimidade, muitas vezes emergem questões de ordem coletiva; ao revisitarmos o passado guardado em nossas memórias mais privadas, abrimos espaço para reorganizar o presente e projetar futuros possíveis. A chamada “virada do doméstico”



extremos

34º Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

na arte contemporânea parece residir justamente na tentativa de revelar elementos comuns entre experiências profundamente particulares, sem, contudo, apagar a especificidade de cada vivência. A casa, enquanto símbolo, reúne memórias estruturantes que atravessam nossas histórias individuais e coletivas. Para diversos artistas contemporâneos, ela tem se configurado como um elemento central para explorar os processos que constituem a percepção da realidade atual.

A imagem da casa quebrada, em ruínas, com suas rachaduras visíveis, torna-se uma forma de expor os vestígios de desastres que não podem ser completamente apagados. Aparece como uma possibilidade de falar sobre um Brasil que ignora ou mesmo repete erros do passado enquanto cultiva a ideia de progresso, tema presente nas obras de Yuri Firmeza. A arte assume um papel de denúncia nas minhas obras, presentes no primeiro texto do artigo, e nas obras de Ivan Schulze. Tanto em minhas obras e nas de Ivan, escolhemos falar a partir de nós mesmos e daqueles que ainda estão imersos em realidades marcadas pelas violências vividas. As questões do desabrigamento surgem nas produções, ao revisitarmos nossas próprias histórias, evidenciando realidades negligenciadas pelo poder público, desde a vulnerabilidade social agravada pela pobreza até os desastres ambientais, que têm se tornado cada vez mais frequentes nos últimos anos.

As pinturas de Alan Fontes evocam a casa como espaço colapsado. Suas casas desconstruídas, fragmentadas e labirínticas expõem não apenas a perda da forma, mas a desintegração da memória e do próprio sentido de habitar.

Entre as poéticas dos artistas analisados neste artigo, resta apenas um vestígio que nos leva a encarar todas as nossas ruínas — aquelas que conseguimos, ou não, nomear.



Referências

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BLANCHOT, Maurice. *L'écriture du désastre*. Paris: Éditions Gallimard, 1980.

COCCIA, Emanuelle. *Filosofia da casa: o espaço doméstico e a felicidade*. Rio de Janeiro: Dantes, 2024.

DA COSTA, Alexandre Rodrigues. *Fraturas expostas: uma análise das pinturas de "Desconstruções", de Alan Fontes*. Disponível em: https://www.academia.edu/download/42911593/Fraturas_expostas__uma_analise_das_pinturas_de_Desconstrucoes__de_Alان_Fontes.pdf. Acesso em: 16 jun. 2025.

HEIDEGGER, Martin. *Construir, habitar, pensar: Ensaio e conferências*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 125-141.

SCHULZE, Ivan; MARCELINO, Ana Paula. *Habitat*. São Paulo: Editora 34, 2020.

FONTES, Alan. *Portfólio*. Disponível em: <https://alanfontes.blogspot.com/2014/02/serie-desconstrucoes.html>. Acesso em: 16 jun. 2025.

Notas

¹ João Victor Elias é artista visual e pesquisador. Possui graduação em Licenciatura em Artes Visuais, é mestrando em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), na linha de Processos Artísticos Contemporâneos, investiga as poéticas do habitar na arte contemporânea. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1109089089262964>.

² Nesse trecho, estabeleço relação com o capítulo "Mudanças", do livro *Filosofia da casa: o espaço doméstico e a felicidade*, de Emanuelle Coccia (Coccia, 2024, p. 23–38)

³ Schulze; Marcelino, 2022, p. 6.

⁴ Idem, ibidem, p. 8.

⁵ Heidegger, 1954, apud Schulze; Marcelino, 2022, p. 9.

⁶ Schulze; Marcelino, 2022, p. 9.

⁷ Alexandre Rodrigues da Costa (Belo Horizonte, 1972) é poeta e doutor em Literatura Comparada pela UFMG, onde concluiu graduação e mestrado em Literatura Brasileira e Portuguesa. No artigo "Fraturas expostas: uma análise das pinturas de *Desconstruções*, de Alan Fontes" (2015), analisa a série homônima de 2014 a partir dos conceitos de informe e heterogenia de Georges Bataille, refletindo sobre a casa como espaço instável e vulnerável à desordem.

⁸ Gosta, 2015, pag. 141.

⁹ Bachelard, 1993, p. 36.

¹⁰ Disponível em: https://e4d266378e52-4a31-b9e8-380507559638.filesusr.com/ugd/efe980_8173faf4d22441c78f28568e17590ed7.pdf. Acesso em: 15 jun. 2025.

¹¹ Gosta, 2015, p. 144.

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jJePaKDHido>. Acesso em: 15 jun. 2025.

¹³ História coletada a partir da matéria disponível em: <https://www.casatriangulo.com/pt/exhibitions/94-yuri-firmeza-projeto-ruinas-casa-triangulo-sao-paulo-brazil/>. Acesso em: 15 jun. 2025.